



Notas informais sobre Melo e Castro

MOACY CIRNE
Prof. de Semiologia da Comunicação de Massa do Instituto
de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense

1. A nova poesia portuguesa surge em 1961/62, em pleno regime passado, mas, formalmente, já denunciava uma resistência (liberal e literária) aos padrões acadêmicos da sociedade vigente. Seus principais nomes são Ana Hatherly, Antônio Aragão e E.M. de Melo e Castro. As dificuldades enfrentadas pelo intelectual e produtor português, até 1974, seriam vencidas ao nível de uma prática experimental no campo específico da poesia. E. M. de Melo e Castro, neste particular, por sua produção teórica, crítica e prática, iria assumir um papel relevante no interior da nova informação poética em terras portuguesas.

2. Em 1962, a Embaixada do Brasil em Lisboa lançaria uma antologia da poesia concreta (sobretudo a poesia concreta noigandres, de poetas paulistas), que iria marcar a prática experimental dos poetas portugueses. Mas estes poetas saberiam superar, a curto prazo, qualquer influência concreta mais direta, propondo uma poesia ligada às raízes sociais e literárias de Portugal, e que, ao mesmo tempo, não estava sujeita às restrições do regime político e econômico dominante. Alguns poemas, a partir justamente de 1962, são bastante representativos dessa nova realidade (estético-)semiológica:

Poema encontrado, de Antônio Aragão (1964)
Transparência, de Melo e Castro (1964)
Kinetofonia, de Salette Tavares (1964)
Fotocolagem, de Antônio Aragão (1965)
Telegramando, de Antônio Aragão (1965)
Ascensão dos hipopótamos, de Herberto Helder (1966)
Sintagramas, de Melo e Castro (1967)
Zen, de Melo e Castro (1968)

Silêncio, de Melo e Castro (1968)
LOVE, de Melo e Castro (1968)
Telegrafias, de Silvestre Pestana (1969)
Construir o objeto, de Silvestre Pestana (1969)
Opressão, de Alexandre O'Neill (1972)
Mapas da imaginação e da memória, de Ana Hatherly (1972)
Op poema, de José Alberto Marques (1972)

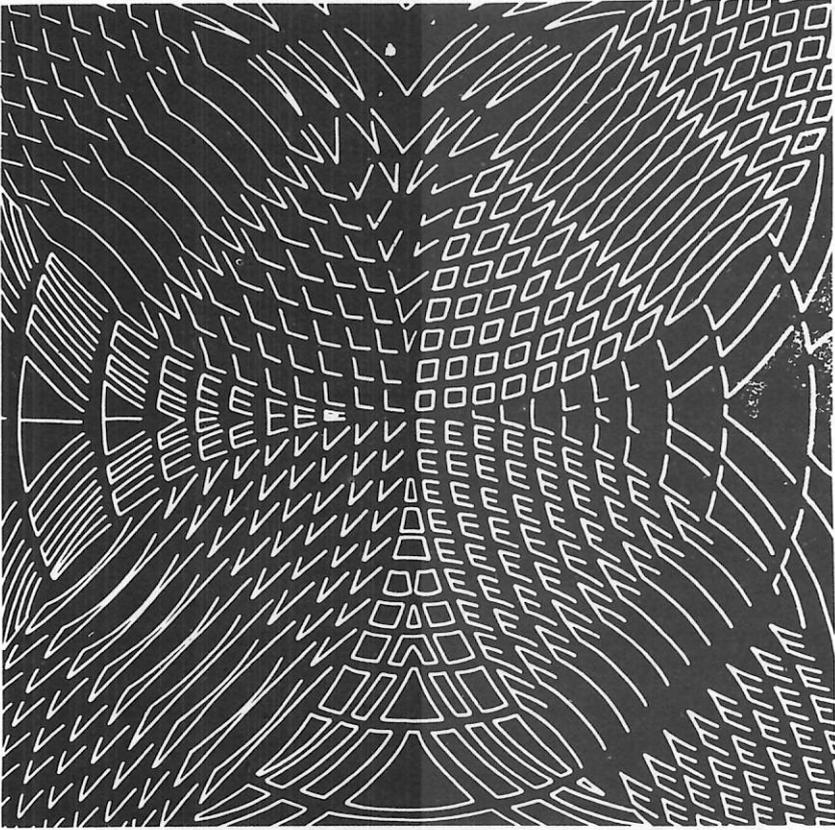
A leitura desses poemas, e de outros, mostra claramente que os poetas portugueses, excetuando-se o período inicial (1961/63), viveram uma aventura criativa de inegável riqueza semiológica e não se prenderam às amarras de um concretismo, àquela altura, já sem muitas opções vanguardísticas. Conscientemente, denominavam seus produtos de poesia experimental. Por outro lado, o salto “conteudístico-participante” do grupo noigandres não poderia refletir, enquanto proposta de uma vanguarda politicamente literária, ou literariamente política, nos meandros sempre difíceis da cultura e da literatura de Portugal.

(Nota *marginália*: em 1968/69, poetas como Silvestre Pestana e Nelson Portelinha entrariam em contato com o poema/processo brasileiro, passando a uma prática bastante próxima de nossas conquistas estruturais. Que se veja o poema **Construir o objeto**, de Pestana. Enquanto isso, Melo e Castro — através de Nei Leandro de Castro — tomaria conhecimento do poema/processo. Mas a sua produção já estava definida.)

3. Data de 1962, igualmente, o primeiro livro de E. M. de Melo e Castro nos domínios do experimental: **Ideogramas**, uma coletânea de 27 poemas concretos. Trata-se, em verdade, da primeira obra produzida no país de Mário de Sá-Carneiro com incidência gráfico-visual mais acentuada. Um dos poemas, a par de sua estruturação moldada no concretismo noigandres, já coloca a questão do discurso literário diante da realidade social e cultural (em dado momento histórico):

ver	
não ler	
ter	ver
	não ler
	ser
ler	
ver não	
ser	ler
	ver sim
	ter

4. “. . . em 1962, após um trabalho pessoal subterrâneo de dez anos (pelo menos) e depois das experiências de criação poética que foram os meus livros ‘Entre o som e o sul’ (1960), ‘Queda livre’ (1961) e ‘Mudo mudando’ (1962) eu estava de posse de uma técnica espacial do verso, de uma sintaxe



não discursiva e de uma dimensão plástica da imagem” (E. M. de Melo e Castro. *Ver ter ser*. Contravento, 1968, p. 6).

“ . . . o que se diz numa obra literária não corresponde necessariamente ao tempo do seu autor: a relação entre uma obra e a realidade histórica não se pode reduzir à espontaneidade nem à simultaneidade; alguns escritores estão relacionados com tendências secundárias da sua época ou com sobrevivências de épocas anteriores” (Pierre Macherey. *Para uma teoria da produção literária*. Lisboa, Editorial Estampa, 1971, p. 104).

Na primeira citação, com toda a sua carga biográfica, tem-se o espaço físico e histórico do poeta: seu trabalho pessoal no âmbito do verso, suas experiências de criação poética. Mas estas experiências, quando passam pelo crivo de uma leitura crítica, superam a própria “criação poética”: conduzem à produção semiológico-literária. Depois do verso e da fase concreta (*Ideogramas*), Melo e Castro tornar-se-ia um produtor da linguagem, com as implicações **produtivas** que podemos extrair de seu trabalho fundamentalmente experimental.

A citação de Macherey explicita-se neste espaço – no espaço da literatura assumida como produção de linguagens e no espaço de uma conjuntura que

é política e social. Ou seja, no espaço de uma conjuntura que, para a literatura, não é mecanicista. Para a literatura e para o discurso artístico de modo geral, bem entendido. Seria o caso de colocar as situações portuguesa e brasileira pré e pós revolucionárias.

As vanguardas literárias e (anti)literárias, que vivem sob o influxo de uma dada ordem social, política e econômica, não sucumbem aos fatalismos pretensamente históricos. No Brasil, o poema/processo desenvolve-se a partir de 1967/68, embora, poucos anos depois, tenha sofrido problemas em sua atuação pública.

5. O poema **LOVE**, de 1968, marca, mais do que muitos outros, o sentido exploratório da visualidade em Melo e Castro: seus efeitos opcinéticos reduzem o semântico (contexto verbal) a uma armadura gráfica que se negativiza no campo visual/izador do poema. O espaço semântico existe como uma festa visual — “o amor é uma festa”. Este espaço semântico é também um espaço giratório (lovegirando) entre organismo sígnicos diferentes. A relação semântica lo/ve perfaz a relação visual lv/oe. Além de outras relações visuais. O poema concretiza-se como um acontecimento-ideograma: a linguagem como forma densa. Entenda-se o acontecimento-ideograma como a soma-síntese de signos abertos no espaço de uma significação imaginária.

6. Outros poemas, entre o verbal e o não-verbal, prefiguram o que chamamos de acontecimento-ideograma. Por exemplo, *água terra ar fogo*, do próprio Melo e Castro. Ou algumas “caligrafias” de Ana Hatherly.

7. E hoje, depois do 25 de abril, o que tem sido o poemário de Melo e Castro? O que tem sido a poesia experimental portuguesa?

8. “Ora, a base da revolução da linguagem, que tão manifesta é em toda a poesia Portuguesa desde 1955 para cá, é justamente a especificidade imanente da Pesquisa Poética como meio de resistência e arma de ataque contra a opressão da vida e o aviltamento da criatividade, e isto numa base universal, de e para todos os homens.

Neste momento é pois necessário distinguir muito claramente entre a revolução que se executa através da linguagem e os problemas de linguagem que a revolução de 25 de Abril e 1º de Maio coloca perante os escritores portugueses.

“Há que distinguir principalmente porque a consciência de uma revolução, que em surdina ou no silêncio se realizou através da palavra poética, foi uma constante da Poesia Portuguesa depois do Após-Guerra 39/45” (E.M. de Melo e Castro. “A revolução da linguagem e a linguagem da revolução”, in: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, 6(68)1974: 443-446).

9. O ato de inscrever (que tanto preocupa, entre nós, um Wladimir Dias-Pino) passa a ocupar o lugar central das preocupações experimentais no campo do poema e da linguagem: seja o ato de inscrever no papel, na madeira, nos muros. Em se tratando de uma sociedade em processo de transformação revolucionária — apesar da atual recarfa democratista —, que se destaque principalmente o ato de inscrever nos muros: as novas grafias da poeticidade. Esta

a posição (declarada) de Melo e Castro: o homem e o poeta, seres sociais, atentos diante do novo. Esta a disposição do engenheiro têxtil diplomado na Inglaterra, Ernesto Manuel de Melo e Castro. Poeta inserido na luta por uma nova sociedade.

1	4	3	4	2
2	3	3	0	6
4	1	6	1	2
3	2	2	1	6

5	0	0	1	8
2	1	2	5	4
1	4	0	1	8
3	2	4	1	4

3	1	2	3	5
5	4	1	2	2
3	0	4	2	5

SONETO SOMA 14 X
(In Poligonia do Soneto,
Guimarães Editores, 1963)

4	3	3	1	3
5	1	2	1	5
8	9	3	5	3

Modelo numérico
da estrutura soneto